

RECENSÕES

DOCUMENTAÇÃO DE HOJE E DE AMANHÃ

ROBREDO, Jaime & CUNHA, Murilo B. da.

Documentação de hoje e de amanhã:

uma abordagem informatizada da Biblioteconomia e dos sistemas de informação. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, Edição de autor, 1986. 400 p. il.

Conforme o prefácio da obra, "esta segunda edição da **Documentação de hoje e de amanhã** aparece alguns meses depois de esgotada a edição anterior, na intenção de continuar oferecendo aos profissionais da biblioteconomia e da informação, assim como aos estudantes e aos professores das escolas de biblioteconomia uma obra de caráter geral, mas que apresente a visão mais atualizada possível da evolução ocorrida nos últimos anos".

O livro contém oito capítulos com vários exemplos elucidativos. Na parte final de cada capítulo existe uma bibliografia consultada.

O primeiro capítulo analisa e descreve os componentes básicos de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Relata, também, a) o processo ou ciclo documentário; b) o processo de condensação da informação e c) o perfil do novo profissional da informação.

O segundo capítulo trata de sistemas que utilizam o computador. São apresentadas algumas, das principais razões que justificam a automatização de sistemas de informação e tipos de equipamentos requeridos. Este capítulo apresenta a estrutura dos sistemas com computador mediante três níveis: a) entrada dos dados; b) processamento dos dados e c) saída dos dados.

O processamento automatizado das informações documentárias, é tema do terceiro capítulo. O enfoque é dado nas funções do computador e nas áreas de aplicação que interessam à informação documentária que são: a) operações de cálculo, b) operações de classificação e ordenação de dados e c) operações de comparação.

No quarto capítulo são analisados os imperativos da automação. O computador se distingue do cérebro humano, na medida em que ele não tem a capacidade de pensar por conta própria. O computador executa as instruções que lhe são dadas. Destarte, é de vital importância a existência, a ordem e a sequência dos dados. Há a apresentação e a descrição de formatos utilizados por vários sistemas de informação.

O capítulo seguinte discorre sobre a representação do conteúdo dos documentos, tais como: processos de indexação, linguagens de indexação, indexação automática, esquemas de classificação, técnicas de classificação, tesauro, preparação automática de índices.

O sexto capítulo se refere à armazenagem e à recuperação da informação, onde é ressaltado que "sem uma organização adequada dos registros documentários não é possível pretender a uma recuperação eficiente da informação..." Este capítulo está dividido em duas partes principais: a organização da armazenagem da informação e a recuperação da informação.

O capítulo sete apresenta alguns grandes sistemas de informação documentária conforme a seguinte divisão: a) sistemas cooperativos internacionais; b) sistemas nacionais e independentes; c) redes de bibliotecas e d) sistemas de recuperação da informação.

O último capítulo menciona as perspectivas de evolução, nos próximos anos, dos sistemas de informação documentária. Essas tendências que poderão marcar a evolução da informação documentária são: a) perspectivas dos sistemas de indexação e de tradução automáticas; b) perspectivas de expansão dos sistemas interativos de recuperação da informação; c) desenvolvimento de sistemas de informação integrados; d) desenvolvimento dos escritórios e dos sistemas de arquivo; e) desenvolvimento das redes e dos sistemas cooperativos; f) expansão dos sistemas públicos de informação.

Haruka Nakayama

Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CONSULTORIAS INTERNACIONAIS PARA PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

PARKER, J. Stephen, ed. **Information consultants in action**. London, Mansell, 1986. 258 p.

Na introdução, o editor responsável pelos doze trabalhos reunidos na publicação assinala que, apesar do papel cada vez mais importante que os consultores têm desempenhado na avaliação, planejamento e desenvolvimento das instituições e das operações ligadas à transferência de informação

em todo o mundo, a literatura sobre o assunto encontra-se dispersa e de difícil acesso. Portanto, o objetivo desta coletânea é fornecer uma visão atual do panorama de consultorias nas áreas de bibliotecas e de informação, em nível internacional, tentando refletir as opiniões tanto dos que recebem, como dos que fornecem serviços de consultoria, e expondo a evolução do assunto. Após assinalar o desenvolvimento dos serviços internacionais de consultoria para bibliotecas e informação, a partir de 1928, destacando a importância da UNESCO, principalmente após a criação do Programa Geral de Informação (PGI), em 1977, é justificada a seleção dos trabalhos incluídos na publicação, que se divide em cinco partes distintas.

A primeira parte inclui dois trabalhos, um do consultor norte-americano, Lester Asheim e o outro do brasileiro Antônio A. Briquet de Lemos. O trabalho de Asheim, publicado em 1966, reflete pontos de vista do autor na época, analisa os problemas de consultoria, não apenas no que se refere às atividades dos bibliotecários do Terceiro Mundo, mas também relacionando as posições dos bibliotecários do mundo ocidental com a situação das bibliotecas dos países em desenvolvimento. Assinala que alguns aspectos das bibliotecas dos países em desenvolvimento também são encontrados nas bibliotecas norte-americanas e lembra que o que é válido em uma determinada situação pode não sê-lo em circunstâncias diferentes, não devendo o consultor, ter qualquer juízo de valor preconceituoso. Asheim destaca também as diferenças econômicas, psicológicas, de conceitos (como o de democracia) e diversas influências sociais e históricas, entre os países em desenvolvimento e os Estados Unidos da América, para maior compreensão da situação das bibliotecas dos países em desenvolvimento e para a busca de soluções às vezes bastante diversas das usualmente indicadas, assinalando que tanto os que recebem, como os que fornecem consultoria, são vítimas da hereditariedade e do meio ambiente.

No segundo trabalho, Briquet de Lemos, com rigorosa precisão, inicia sua análise do panorama da biblioteconomia nas culturas em desenvolvimento, esclarecendo os critérios existentes para a classificação dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (ou subdesenvolvidos?), realizando um trabalho de revisão da literatura sobre o assunto, tentando desfazer alguns equívocos existentes com relação às consideradas causas do subdesenvolvimento e, finalmente, demonstrando que etnocentrismo e paroquialismo podem cegar os consultores que tentam compreender as culturas de outros países. Prossegue com a análise cuidadosa das chamadas variáveis invariáveis, esclarecendo as

características consideradas mais relevantes, pelos observadores estrangeiros, como típicas da biblioteconomia subdesenvolvida:

— Edição e leitura de livros

Destaca suas recíprocas influências e como solucionar a questão baixa demanda igual a pouca produção, e vice-versa. É feita uma revisão da literatura sobre o tópico, do ponto de vista dos autores/consultores do exterior, sobre as bibliotecas públicas, barreiras lingüísticas, linguagens de indexação, sistemas de editoração e de distribuição de livros, os quais levariam à conclusão que as deficiências nesses setores, assim como o alto índice de analfabetismo, escassez de publicações e o clima (fatores predominantes nas sociedades em desenvolvimento) seriam as causas da leitura não ser um costume estabelecido. Briquet questiona a conclusão, levantando outros enfoques de autores que tentam ver a questão de modo diverso, os quais sugerem soluções, desenvolvimento de estudos, estatísticas sobre hábitos de leitura e chama a atenção para a elitização intelectual, destacando que a editoração nos citados países sofre restrições conseqüentes da penetração das multinacionais para produção e distribuição de livros.

— O sistema educacional e o uso dos livros

Levantando os autores que apontam o sistema educacional dos países em desenvolvimento como o grande responsável pelas bibliotecas vazias, questiona também o sistema educacional de outros países desenvolvidos, concluindo que o estudo do desenvolvimento das bibliotecas não pode ser isolado do estudo do desenvolvimento da sociedade como um todo, lembrando ainda que a situação atual já é diferente das analisadas pelos autores/consultores.

— Sobre seleção-aquisição dos materiais de bibliotecas, constata que sob o ponto de vista do autor/consultor estrangeiro, os bibliotecários dos países em desenvolvimento, não selecionam, não administram, etc., e os distribuidores de livros interferem no processo de seleção. Localiza um autor que aborda as dificuldades reais desses bibliotecários e que esclarece os fatores condicionantes de tal realidade e as razões, tentando desfazer o equívoco generalizado que uma das causas seria a do bibliotecário não estar capacitado para as citadas tarefas.

- Sobre catalogação e classificação identifica os autores-consultores que fizeram sobressair a obsessão dos bibliotecários dos países em desenvolvimento pelas regras de catalogação, com toda sua complexidade. Assinala questões como as orientações diversas recebidas pelos próprios consultores, proliferação de classificações, regras de catalogação, etc., provenientes do exterior,

esclarecendo que o cerne da questão seria: a falta de vontade de cooperar e as atuais dificuldades para o estabelecimento de centros de processamento nacional ou local.

- Livros para uso **versus** livros para posteridade
Assinalando que os observadores estrangeiros, ao falarem da biblioteconomia dos países em desenvolvimento, descrevem seus defeitos característicos e, portanto, apesar da existência de grandes coleções são verificados vários problemas (não existe descarte, o bibliotecário é responsável pela custódia do material da biblioteca, existe circulação de livros, mas não de periódicos, etc.) chegando à conclusão que os serviços de bibliotecas têm como objetivo protegerem o livro do usuário e não para o usuário, o autor informa que o que foi escrito nos anos 61-66, não corresponde à situação atual sobre a ênfase na preservação dos acervos das bibliotecas que devem ser estudadas nas suas evoluções históricas e conclui, com as próprias palavras de Asheim, sobre a necessidade de, antes de tudo, sabermos a razão, o contexto que conduzem a certos padrões de comportamento.

- Cooperação
Levanta as observações sobre a proliferação das bibliotecas universitárias e a falta de cooperação e coordenação entre elas, em diversos países do Terceiro Mundo. Lembrando que para haver colaboração é preciso coordenação e que esta vai depender do planejamento nacional de bibliotecas, o autor concorda com Bengtson de que o desenvolvimento das bibliotecas dos países em estudo, foi condicionado pela importação dos modelos dos países altamente industrializados; por exemplo, a UNESCO, em 1946, recomendou como modelo o sistema de bibliotecas públicas anglo-saxão/escandinavo, mas, exatamente por esse motivo, não foi dada a ênfase necessária à cooperação e coordenação, uma vez que, mesmo nos citados modelos, ainda não era dada a relevância que atualmente existe. São analisados ainda as dificuldades relativas ao compartilhamento dos recursos financeiros, das coleções, do comportamento não cooperativo dos próprios bibliotecários e aqui lembra, Briquet, que deve haver responsabilidade por parte da própria organização social geral e da infra-estrutura. Conclui que os obstáculos, para a desejada coordenação e cooperação devem ser examinados ao nível de macrobiblioteconomia dentro do panorama da estrutura da sociedade e da análise das relações sociais das sociedades como um todo. A falta de recursos das bibliotecas públicas é comparada com as melhores condições das bibliotecas especializadas, formando-se o

bibliotecário para atender às necessidades de uma elite intelectual, sem preocupação com os grupos econômicos menos privilegiados, ao contrário do que ocorre nos outros países industrializados. Conclui que as bibliotecas do mundo deverão se ajustar às constantes mudanças da sociedade como um todo e que as bibliotecas públicas dos países em desenvolvimento não podem ser réplicas do modelo anglo-saxão, pois são partes de realidades distintas.

Após o estudo das variáveis acima expostas, afirma o autor que quaisquer outros "sintomas" que sejam analisados, torna-se imprescindível estudar as causas das condições "patológicas" e, a necessária terapia. Continuando sua revisão da literatura dos autores/consultores, Briquet observa que, sem desconsiderar as influências do passado colonial, a resistência para mudanças não tem raízes tradicionais mas é consequência da aspiração de uma minoria que mantém o poder e que luta para garantir seus privilégios. Questionando sobre a relatividade da observação, de que os responsáveis pelo fracasso dos serviços de bibliotecas e pela não existência de um plano nacional para desenvolvimento de bibliotecas seria o bibliotecário, o autor argúi sobre quanto se teria gasto em ICT, nos últimos 30 anos, com ajuda para os países em desenvolvimento e sobre os resultados desses investimentos.

Conclui resumindo: que as comparações raramente envolvem metodologia e sim julgamentos de valor; que os modelos refletem sociedades industrializadas; a existência de choques de cultura e preconceitos individuais; generalizações são características; que alguns autores extrapolam as experiências de um país para todo o terceiro mundo e que as premissas podem ser verdadeiras mas as conclusões são falsas. Como o consultor deve deixar recomendações para que haja modificação da realidade, caso o modelo falhe o contexto leva a culpa, mas muitas vezes as distorções e obstáculos podem ser encontrados exatamente nos modelos recomendados. Independente do fato de muitos consultores terem contribuído com sua experiência para instalação de serviços diversos, sob condições difíceis, o importante é a racionalização das condições do meio ambiente e somente através de métodos de pesquisa confiáveis pode-se rebater os relatos impressionistas. Permanece de exclusiva responsabilidade da comunidade de usuários, dos países em desenvolvimento, determinar os serviços de que necessitam e, aos bibliotecários desses países, cabe alcançar essas necessidades dentro dos limites de suas respectivas sociedades.

A segunda parte do livro, "A experiência dos expatriados" compõe-se de dois capítulos: um de Anthony Olden e o outro da "United Nations Technical Assistance Board" que faz o resumo das consultorias internacionais, analisando as principais orientações recebidas por esses consultores constando, entre elas: assistência técnica deve apenas ser fornecida a quem realmente solicita e quer de fato; a assistência técnica deve ser fornecida pelos consultores de tal modo que este deixe no local, pessoal capacitado às condições locais; etc. A terceira parte do livro trata do processo de consultoria propriamente dito, analisando, em dois capítulos, quais os papéis que os consultores devem desempenhar, em que circunstâncias são necessários e que formação e capacitação devem ter. O outro capítulo analisa o processo de consultoria propriamente dito, dividindo-o em etapas: razões de um consultor, seleção do mesmo, entrevista, levantamento de recursos, revisão dos documentos existentes (coleta de dados), diagnose, relatório da consultoria, implementação, análise do cliente, dos sistemas de informação aos procedimentos para efetuar-se uma real mudança.

A quarta parte do livro analisa a consultoria de informação internacional incluindo entre outros, um capítulo do editor da publicação, Stephen Parker, o qual fornece uma visão histórica dos serviços de consultoria e de seu desenvolvimento. O capítulo seguinte levanta nove questões básicas, de origem prática, às quais diversos consultores responderam e o autor, professor de biblioteconomia comparada, faz análise, comparações, etc. Finalmente, um terceiro capítulo focaliza o consultor internacional como intermediário da informação, analisando o processo intercultural, as estratégias de desenvolvimento, as macro influências sobre a transferência do conhecimento, a informação científica e técnica, o fluxo de dados transfronteiras, as fontes de informações locais para os projetos e conclui com uma tentativa de avaliação de consultoria.

A quinta parte do livro ocupa-se da implementação. O primeiro dos capítulos identifica 23 etapas que devem ser consideradas, ressaltando a importância dos relatórios dos consultores serem adaptados: aos planos nacionais, ao estágio atual das bibliotecas do país, às condições sociais, culturais, lingüísticas, educacionais, etc. Os dois últimos capítulos do livro tratam de países específicos: Brasil e Sudão.

O capítulo do Brasil escrito por Meireluce da Silva Ferreira, resume sua dissertação analisando, através de 23 variáveis, 33 relatórios de consultores estrangeiros e 19 cursos apresentados também por

estrangeiros, no período 1970/1980 no Brasil. A pesquisa utilizou métodos estatísticos e teve, como ponto de partida, a hipótese que o uso dos resultados de consultoria internacional, prestados no País, através de projetos ou de contatos diretos entre instituições brasileiras e entidades do exterior, governamentais ou não, na área de informação científica e tecnológica, foi limitado. No entanto, através de uma análise realista dos resultados, utilizando-se de entrevistas — com uma correlação de 95% entre os resultados das entrevistas e os resultados fornecidos por computador — foi verificado que a maioria das consultorias foi considerada muito produtiva (75, 7%). São também apresentadas as principais recomendações dentre as 80 recomendações dos consultores constantes dos relatórios pesquisados, entre elas:

- a necessidade de estruturar-se o sistema nacional de informação científica e tecnológica;
- a necessidade de apoio financeiro para as redes de informação;
- a necessidade de equipamento e pessoal especializado;
- a necessidade de estudos confiáveis do usuário, como base para um melhor planejamento dos sistemas;
- uma análise apurada da informação, principalmente em nível nacional, antes de tomadas de decisão relativas a atividades a longo prazo, as quais necessitam investimento permanente de recursos financeiros e humanos;
- treinamentos de brasileiros, com vistas ao ensino de matérias, a nível de mestrado, de modo a reduzir o número de especialistas estrangeiros necessários;
- elaboração de um plano nacional para pesquisa sobre informação.

Como conclusão são fornecidas várias orientações para as instituições que no futuro venham a receber consultorias, entre elas: o relacionamento mais estreito entre as equipes das entidades e de consultores; mais estudos relativos a alocações de fundos financeiros adequados à implementação das recomendações sugeridas; a participação de estrangeiros na inexistência de pessoal qualificado no próprio País; etc. Finalmente, Meireluce Ferreira expõe os pontos mais focados nos relatórios analisados, entre eles:

- a existência de barreira lingüística;
- algumas recomendações foram efetivamente implementadas, ao passo que outras poderiam ter sido mas ainda não o foram; sendo um dos motivos a falta de recursos humanos para implementação de alguns projetos;

- as consultorias solicitadas com o objetivo de analisar projetos existentes, de avaliar serviços ou de fornecer orientação para a elaboração de projetos, foram as mais eficientes;
- algumas opiniões foram diametralmente opostas, com referência às mesmas consultorias, em respostas aos questionários enviados às instituições brasileiras;
- a existência de brasileiros capacitados em algumas áreas para as quais as consultorias foram requisitadas, foi um fato também observado.

A leitura do livro é recomendada a todas as entidades que estejam em vias de receber serviços de consultorias do exterior ou aos que irão fornecer consultoria, na área de informação científica e tecnológica, visando a evitar equívocos passados, e para o melhor aproveitamento de disponibilidade dos consultores e de suas reais potencialidades.

Maria Esther de Araújo Coutinho
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasília, DF.

A INFORMÁTICA E O BRASIL

BENAKOUCHE, Rabah. org. **A informática e o Brasil.** São Paulo, Polis; Petrópolis, Vozes, 1985. 191 p.

Parece não ter limites a diversidade de aspectos que podem ser abordados dentro do tema informática. Desde a ciência em si, passando pelas suas relações com a sociedade, até a polêmica e atual questão da reserva de mercado, muito se tem escrito sobre o assunto.

Neste livro, Rabah Benakouche, reúne trabalhos "diversos por seu conteúdo, seus pressupostos, seus enfoques e que tratam das implicações econômicas, sociais e culturais da informática no Brasil". "O choque informático é uma questão complexa, pois afeta os hábitos, o conhecimento, a competência, o universo cultural e a razão de ser dos indivíduos, daí a complexidade e a transdisciplinaridade de seu estudo".

Os textos estão agrupados em quatro tópicos: informática e liberdade, informática e cultura, informática e emprego, e informática e economia. O direito a informação, vencendo a barreira do segredo administrativo, precisa ser estudado para se saber até que ponto o direito do indivíduo está sendo atingido pelos recursos da informática. Do ponto de vista cultural, é necessário que a informática se adapte à diversidade de culturas brasileiras.

Segundo a análise de um dos autores "há uma necessidade de socializar a informática para evitar que se informatize a sociedade". Quanto ao nível de emprego e ao impacto social que ela poderá acarretar, "para uns trata-se apenas de uma redistribuição setorial da população oficialmente ativa, o pleno emprego está garantido. Para outros a questão é defender o emprego". Mas a mão-de-obra especializada dificilmente será aproveitada em setores de maior qualificação, devido aos baixos níveis educacionais.

"As novas tecnologias estão influenciando nas mudanças sociais, modo de vida e pensamento, modificando mercados. Na economia, a matéria-prima passou a ser a "massa cinzenta". O colonialismo financeiro está sendo substituído pela "dominação de novas tecnologias cuja base é a informação e a inteligência". E a indústria da informação é dominada hoje pelos Estados Unidos. Os bancos de informação, tais como, o Chemical Abstracts Service, MEDLARS e muitos outros, têm grande importância estratégica no desenvolvimento científico e tecnológico de todos os países. A informação torna-se, pois, fonte de dominação não só econômica mas também cultural. Para poder reduzir a dependência e preservar a identidade cultural do País, é preciso conhecer e ter um certo domínio sobre a indústria da informação. O capítulo final, ao apresentar esses problemas e ao descrever a situação do Brasil frente às novas tecnologias e à indústria eletrônica, oferece dados importantes para a reflexão dos que atuam nessa área, como os bibliotecários e cientistas da informação.

Vera Amália Amarante Macedo
Universidade de Brasília, Brasília, DF.

CATALOGAÇÃO DE PROGRAMAS PARA MICROCOMPUTADORES

TEMPLETON, Ray & WITTEN, Anita. **Study of cataloguing computer software;** applying AACR2 to microcomputer programs. Wetherby, British Library, 1984. 77 p.

Trata-se do relatório de um projeto, levado a efeito no Reino Unido entre 1982 e 1983, sobre aplicação das regras do Código Anglo-Americano de Catalogação, 2ª ed., capítulo 9, para catalogação de programas destinados a microcomputadores. A pesquisa limitou-se a programas aplicativos da área educacional. Catalogaram-se cerca de 200 programas, em três

estágios: dois interpretativos e um de aplicação. Através desses estágios detectaram-se os diversos problemas no uso das regras para catalogação deste tipo de material. O relatório, desta forma, sugere mudanças no capítulo 9 e diretrizes aos editores dos programas. O relatório inclui, também, um manual resumido de catalogação para este tipo de material.

Muito interessante é sua observação sobre a diversidade nas fontes de informação para os elementos identificadores do item e a dificuldade de acesso a tais elementos. Muitas vezes os elementos identificadores são inconsistentes, discrepantes ou inexistem nas fontes de informação.

Embora resumido como guia ou manual para a catalogação de programas, traz referências bibliográficas passíveis de complementarem a escassa informação sobre o assunto.

*Eliane Serrão Alves Mey
Empresas Brasileiras dos Transportes Urbanos,
Brasília, DF.*

ANAIS DO OITAVO CONGRESSO DA FID/CAO

INTERNATIONAL FEDERATION FOR
DOCUMENTATION. COMMISSION FOR ÁSIA AND
OCEANIA. (8th: 1984: Melbourne). **Proceedings.**
Melbourne, CSIRO, 23-28 Nov. 1984. 325 p.

Os trabalhos apresentados no 8º Congresso da FID/CAO refletem uma preocupação generalizada com a baixa utilização da informação e dos serviços de informação nos países em desenvolvimento. Entre as propostas de solução apresentadas nesse encontro tiveram referência especial alguns temas como: a promoção dos serviços, a auto-suficiência financeira, o papel do profissional da informação e o condicionamento da informação.

A promoção dos serviços de informação, por ser o tema central do congresso, teve um destaque

especial. A maioria dos trabalhos enfocou a utilização das técnicas de "marketing", numa tentativa de criar uma demanda maior pelos serviços de informação. Os relatos de alguns estudos de caso mostram os sucessos e os fracassos das experiências nesta área.

Os serviços de informação sempre enfrentaram problemas financeiros devido ao alto custo na manutenção de suas atividades. Um apoio mais efetivo por parte dos governos, e a possibilidade de se cobrar pelos serviços, seriam alternativas para solucionar os problemas de sobrevivência desses serviços. Outra solução apresentada foi a criação de programas cooperativos para a troca de informações e de experiência.

A questão do profissional da informação teve várias abordagens. Uma delas foi a da formação através de sugestões de cursos e de treinamento. As áreas de automação e de "marketing" seriam as mais necessárias. Foi discutido também a criação de incentivos para atrair bons profissionais.

A criação de versões simplificadas e o condicionamento da informação foi apresentada como uma solução para levar as informações até os usuários que não têm formação especializada e que estariam ligados a áreas de grande demanda, como a agrícola.

Também fazem parte dos ANAIS os tradicionais relatórios do comitê diretor. O do Presidente da FID/CAO apresenta um relato das origens desta Federação, seu trabalho atual e seus projetos futuros. Cada representante nacional (num total de 14 países representados) descreveu as atividades de seu país no desenvolvimento de serviços de informação e os problemas da utilização efetiva desses serviços. Cabe um destaque especial ao relato do representante de Cingapura que descreveu a aplicação de técnicas de "marketing" em serviços de informação "online".

*Vera Amélia Amarante Macedo
Universidade de Brasília, Brasília, DF.*